

## ENSAIO

# FRAGMENTOS DE UM POSSÍVEL DIÁLOGO COM EDWARD PALMER THOMPSON E COM ALGUNS DE SEUS CRÍTICOS<sup>1</sup>

SIDNEI MUNHOZ<sup>2</sup>

### **Introdução**

Indiscutivelmente, Edward Palmer Thompson encontra-se entre os grandes historiadores do nosso século. Com uma vasta e polêmica produção historiográfica e um incansável ativismo político, ele

---

<sup>1</sup>. Este artigo é datado. Foi escrito em meados de 1993 e revisado no decorrer de 1994. Foi aceito para ser publicado em uma nova revista organizada pelo Programa de Pós-Graduação em História da USP, em 1994, mas infelizmente até a presente data esta revista não teve seu primeiro número editado. Apesar das novas publicações sobre o tema, optei por manter o original. Gostaria de manifestar meus agradecimentos ao Dr. Michael Hall (UNICAMP), à Dra. Esmeralda Bolsonaro de Moura e ao Dr. Marcos Silva(USP), ao Dr. José Carlos Barreiro e à Dra. Mériti de Souza (UNESP-Assis); ao José Henrique R. Gonçalves, Reginaldo Dias, André A. Lopes, à Dra. Celene Tonella e à Dra. Marta Bellini (UEM) pela leitura atenta e pelas críticas e sugestões. Contudo, gostaria de eximí-los de meus possíveis erros e limitações. Ainda, recebi outras contribuições quando apresentei este trabalho na Universidade de São Paulo, Universidade de Maringá e Universidade de Londrina.

<sup>2</sup>. Sidnei Munhoz é Professor Adjunto do Depto. de História da Universidade Estadual de Maringá, mestre em História Social do Trabalho pela UNICAMP e doutor em História Econômica pela USP.

influenciou parcelas significativas das últimas gerações de historiadores. Neste trabalho, apresentamos um comentário sintético de sua vida e obra, e destacamos também algumas das principais críticas efetuadas a seu trabalho.

Optamos pelo recorte acima proposto por considerarmos necessário contextualizar a obra deste historiador, ao mesmo tempo em que acreditamos ser estimulante dialogar com alguns de seus críticos. Infelizmente, a obra de Thompson, que teve uma penetração tardia em nosso país, tem sofrido de outro inconveniente: a ausência do debate, pois as críticas a seus trabalhos não têm alcançado o devido espaço, tanto nos meios editoriais quanto acadêmicos.

### **A juventude, o início da carreira e a *New Left***

Thompson nasceu na Inglaterra no ano de 1924. De família liberal, ingressou no Partido Comunista Inglês aos 17 anos de idade. Pouco depois, lutou na II Grande Guerra <sup>3</sup> e, posteriormente, participou da reconstrução da Iugoslávia e da Bulgária, na recuperação de ferrovias e construções em geral. Thompson foi profundamente influenciado por seu irmão Frank e o assassinato deste por fascistas búlgaros marcou-o profundamente. Em parceria com sua mãe, Theodosia Thompson, homenageou-o, escrevendo *There is a Spirit in Europe. A Memoir of Frank Thompson*, publicado em 1947.

Inicialmente, Thompson queria ser poeta, como seus pais. Iniciou estudando Letras mas, posteriormente, definiu-se pela história. Foi eleito presidente do clube dos estudantes socialistas da universidade. Em 1942, interrompeu seus estudos em função da guerra. Com o término desta, concluiu seus estudos em Cambridge, sendo bastante influenciado por Christopher Hill. Entrou para a academia tardiamente, pois a princípio não se dedicou ao ensino universitário. Foi professor de escola noturna e ativista político.

A esquerda inglesa vivia uma época de excitação e, em 1950 e nos anos seguintes, sob influência de Maurice Dobb, reuniam-se em *pubs*

---

<sup>3</sup>. Kaye indica que Thompson haveria lutado na Itália e na França. Palmer cita o norte da África, a Itália e a Áustria. Cf. KAYE, H. **The British Marxists historians: an introductory analysis**, Cambridge: Polity Press, 1984 e PALMER, B. D. **The Making of E. P. Thompson: Marxism, Humanism and history**. Toronto: New Houghtown Press, 1981.

peessoas como Christopher Hill, John Saville, Raphael Samuel, Raymond Williams, Eric Hobsbawm e Edward Thompson, entre outros. Este grupo deu origem aos chamados "marxistas humanistas".

Em 1955, publicou *William Morris*, seu primeiro trabalho de fôlego. Foi durante este trabalho que Thompson passou a interessar-se mais pela idéia de ser "historiador". Nesta época, Thompson se definia como marxista humanista e morrissiano-marxista. Marxismo transformado pelos valores presentes no trabalho de William Morris.

Em julho de 1956, foi fundada por Thompson e Saville a revista *Reasoner*, uma publicação comunista com um certo caráter independente. Em função da publicação de críticas à invasão húngara<sup>4</sup>, a revista foi proibida pelo partido. O Comitê Central, que defendia a invasão da Hungria, fechou a revista e suspendeu Thompson e Saville. Em decorrência disto, os dois abandonaram imediatamente o partido.

Dada a postura oficial frente à repressão na Hungria, houve uma grande evasão dos quadros acadêmicos do Partido Comunista Inglês. Neste procedimento, Hobsbawm e Dobb foram exceções. Deve-se ressaltar que a dissidência atingiu todos os setores do partido, que perdeu cerca de 21 % de seus quadros no decorrer de um ano.<sup>5</sup>

Imediatamente, Thompson e Saville fundaram o *New Reasoner*. Em 1957, com a publicação de *Socialist humanism*<sup>6</sup>, Thompson indicou que a dicotomia base-superestrutura levava a um modelo estático e determinista, o qual operaria de forma autônoma, independente da ação humana consciente, levando o marxismo ortodoxo a afastar-se dos homens e mulheres reais. Neste texto, já podem ser encontradas as bases da produção thompsoniana futura, a qual, rejeitando o aprisionamento ao determinismo econômico, buscava a construção de um modelo analítico que resgatasse a ação humana e a complexidade das relações sócio-culturais no estudo da história.

Ainda em 1957, foi criada, por um grupo de estudantes de Oxford, a revista *Universities and Left Review*. Em 1959, houve a fusão das duas revistas, dando origem à *New Left Review*. Dentre outros,

---

<sup>4</sup>. THOMPSON, E. P. *Through the smoke of Budapest*. **The Reasoner**, n.3, p. 1-7, Nov., 1956.

<sup>5</sup>. Cf. PALMER, Bryan D. op. cit. , p.45.

<sup>6</sup>. THOMPSON, Edward P. *Socialist Humanism*. **The New Reasoner**, London, n.1 , p. 105-143, Summer, 1957.

participavam da revista: Ralph Milliband, Raymond Williams, Peter Worsley, Doris Lessing, Raphael Samuel, Dorothy e Edward Thompson e Stuart Hall. Desde o início o grupo majoritário da *New Left Review* sustentava que era imprescindível, para o desenvolvimento do socialismo na Grã Bretanha, a mudança radical na consciência política do movimento operário inglês. Muitos desses intelectuais que se engajaram na nova esquerda eram ativistas de movimentos como o anti-colonialismo, ou da Campanha pelo Desarmamento Nuclear (CND), ou participavam de outros movimentos democráticos.

Foram criados, ao redor da revista, centros de trabalho e de agitação socialista, dando origem a grupos e clubes. Em junho de 1960, estavam em funcionamento mais de 30 destes clubes. Porém, no início de 1961, concluiu-se que os instrumentos de ação não estavam atingindo os resultados almejados. Em abril deste ano, em meio a uma crise financeira da revista, Thompson abriu um debate, colocando na ordem do dia a dissolução da *New Left*.

Em 1960 e 1961, Thompson publicou artigos discutindo a questão da revolução e da transição para o socialismo na Grã Bretanha<sup>7</sup>. Em função destes artigos, recebeu severas críticas, as quais futuramente desembocaram no conflito com Tom Nairn e Perry Anderson<sup>8</sup>. Em março de 1963, Anderson assumiu a direção da revista, alterando a orientação editorial e privilegiando publicações de Althusser, Balibar e Mandel, dentre outros. Dos 26 integrantes do Grupo inicial da *New Left* apenas um membro, que residia nos EUA, permaneceu no corpo diretivo da revista.

Em 1963, Thompson publicou *The Making of the English Working Class*, que efetivamente consagrou-o como um grande historiador. A crítica publicada por Nairn<sup>9</sup> aumentou o fosso em relação ao grupo que havia assumido a *New Left*. *The Making* representou um

---

<sup>7</sup>. THOMPSON, E.P. *Revolution again! or shut your ears and run*. **New Left Review**, n.6, Nov./Dec. 1960; *The long revolution I*. **New Left Review, London**, n.9, p. 24-33, May/Jun. 1961 e *The long revolution II*. **New Left Review, London**, n.10, p. 34-39, July/August 1961.

<sup>8</sup>. Uma boa análise deste embate pode ser encontrada em NIELD, Keith. *A Symptomatic dispute? Notes on the relation between Marxian theory and historical practice in Britain*. **Social Research**, v. 47, n. 3, p. 478-506, Autumn 1980.

<sup>9</sup>. NAIRN, Tom. *The English workin-class*. **New Left Review**, London, v.24, 43-57, Mar./Apr. 1964.

novo marco na historiografia contemporânea. Ao "refazer" a história do primeiro proletariado inglês, Thompson desenvolveu um percurso próprio, objetivando penetrar nos meandros do que ele denominou o "fazer-se" da classe operária inglesa. Tanto seu objeto quanto suas fontes foram abordados de forma pouco convencionais. O estudo não se restringia a sindicatos e organizações socialistas, mas abrangia um vasto campo que compreendia a política popular, tradições religiosas, rituais, conspirações, baladas, pregações milenaristas, ameaças anônimas, cartas, hinos metodistas, festivais, danças, listas de subscrições, bandeiras, etc.

Quando Thompson intitulou seu maior livro *The Making of the English Working Class*, ele chamou atenção para aquele paralelo da arte e da luta popular na qual está de fato a urdidura de todo seu trabalho como um historiador. Pela palavra 'making' é ambíguo. *Maker* é na antiga denominação inglesa, termo para poeta, e *Making* significa poesia escrita assim como processo de construção. *The Making of the English Working Class*, nomes através dos quais Thompson havia feito como escritor e o povo trabalhador inglês havia conquistado na luta, por eles mesmos. No título, os paralelos se convergem"<sup>10</sup>.

Para Kaye, Thompson entende classe como um fenômeno social, não como categoria analítica ou estrutura. Assim, classe implica na ação humana como condicionante. Ainda para Kaye, Thompson opõe-se aos economicistas e historiadores sociais que reduziam a ação humana à obscuridade. Classe não aparece como mero produto do desenvolvimento das forças produtivas que, a partir de uma suposta modernização da teoria ou de um estruturalismo funcionalista, reduziam a luta de classes a "injustificados sintomas de distúrbios"<sup>11</sup>.

Thompson procura, através da análise da luta de classes, reconceitualizar o materialismo dialético, possibilitando a melhor compreensão da existência e da consciência social. A dificuldade desta jornada estaria no fato de que o modelo estático base/superestrutura e sua tendência geral ao determinismo econômico estavam profundamente enraizados no conceito marxista de classe.

---

<sup>10</sup>. ABELOV, apud KAYE, Harvey. op. cit. p. 171.

<sup>11</sup>. KAYE, Harvey. op. cit p. 173-175. Cf. também o prefácio de THOMPSON, E. P. **A Formação da classe operária inglesa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. p. 9-14.

Para introduzir o tema, Thompson retoma a agitação ocorrida na Europa no final do século XVIII, em decorrência da Revolução Francesa. Na Inglaterra, ele atenta para as *Corresponding Societies*. Estas foram reprimidas e suas possíveis ligações com a middle-class foram bloqueadas pela conservadorismo que se sucedeu à Revolução Francesa. Porém, sua tradição adentrou às comunidades operárias. Thompson acredita ainda que ver este processo como o fim desta experiência tem sido um grande equívoco, pois é, exatamente, aí que teria ocorrido um novo início. Nos anos que se seguiram ao fim das Guerras Napoleônicas, lenta e gradualmente moldou-se uma consciência da classe operária.

No *The Making*, Thompson utiliza-se de uma narrativa através da qual estabelece o caráter coletivo da experiência de exploração e opressão dos trabalhadores ingleses, mas constantemente ele abre espaço para que aflorem as experiências individuais de artesãos e trabalhadores não-qualificados. Desta forma, seu texto possui um movimento de contração e expansão, onde a fala individual exemplifica a experiência coletiva e, por outro lado, a experiência coletiva funda-se na percepção de identidades. A noção de experiência é fator fundante do trabalho de Thompson. O processo de constituição de classe está diretamente ligado, de um lado, à experiência de exploração, repressão, carestia, desigualdade e, de outro, à solidariedade, partilha e comunidade.

*The Making* pode ser dividido em 3 partes: 1ª) *A árvore da liberdade*: onde o autor analisa as tradições populares e a influência jacobina nas agitações de 1790, apontando a dívida da sociedade contemporânea para com o primeiro proletariado inglês. 2ª) *A maldição de Adão*, onde são analisadas as tradições de lutas e as experiências de grupos de trabalhadores desenvolvidas durante a primeira revolução industrial inglesa e as possíveis mudanças introduzidas pelos metodistas. Nesta parte, o autor defende a tese de que havia uma tradição que antecedia a luta e uma cultura radical que antecedia o metodismo, ou seja, não havia um espaço vazio que teria sido preenchido pelo metodismo. 3ª) *A força dos trabalhadores*, onde analisa o surgimento e enraizamento das organizações políticas e as experiências dos jacobinos ingleses: aí, ele retoma a questão do radicalismo plebeu, do desenvolvimento do ludismo e do fim das guerras napoleônicas. Destaca a experiência das sociedades de correspondência, a construção das primeiras organizações operárias e a influência radical jacobina nestas organizações.

Para Thompson, a repressão ao jacobinismo e ao trade-unionismo teria levado as lutas à clandestinidade. Ele vê na quebra de máquinas uma ação organizada, com objetivos bem definidos e eficácia, e não apenas uma resposta irracional. Ele entende o ludismo como um movimento semi-insurrecional, mantendo a clandestinidade e laços com a tradição jacobina de 1790. Em suma, a classe operária inglesa teria se formado por volta do início dos anos 30, sofrendo influências da revolução francesa (1830) e sendo reforçada pelos efeitos do *Reform Bill* sobre a classe média. Ele defende que um contínuo crescimento da consciência de classe deu-se neste momento. Desta forma, no movimento cartista, a classe operária inglesa já estaria formada.

Para William Sewell<sup>12</sup> no *The Making*, Thompson evita definir seu argumento teórico sobre a formação de classe, exceto no prefácio. Para ele, a principal explicação oferecida por Thompson é que aquela formação foi produto da experiência dos trabalhadores.

### O debate no interior da esquerda inglesa

No ano de 1964, a crise pela qual passava a sociedade britânica levou a *New Left* a debater esta conjuntura. Anderson publicou *Origins of the present crises*. Thompson respondeu com: *The Peculiarities of the English*<sup>13</sup>. As relações entre ambos pioraram. Posteriormente, este ensaio foi novamente publicado no *The Poverty of Theory and other essays*. Editada aqui no Brasil como *A Miséria da Teoria*, com apenas um dos quatro ensaios presentes na edição original, a obra completa continua desconhecida da maioria do público brasileiro<sup>14</sup>. Neste debate, as diferenças iniciam-se na análise do caráter da Revolução Inglesa e sua herança radical na formação do proletariado inglês, nos modelos que

---

<sup>12</sup>. SEWELL Jr, William. *How classes are made: critical reflexions on E. P. Thompson theory of working-class formation*. In: KAYE, H. ; McCLELLAND, K. (Ed) **E. P. Thompson**. *Critical Perspectives*. Cambridge: Polite Press, 1990, p. 50 -77.

<sup>13</sup>. ANDERSON, Perry. *Origins of the present crises*. **New Left Review**, London, n.23, Jan./Feb. 1964; THOMPSON, E.P. *The Peculiarities of the English*. **Socialist Register**, n.2, 1965.

<sup>14</sup>. Em 1993, a UNICAMP publicou no nº10 de seus Cadernos Didáticos a tradução de "The Peculiarities of the English". Cf. THOMPSON, E.P. **As Peculiaridades dos Ingleses**. Campinas: Unicamp, 1993, Coleção Textos didáticos, n. 10, trad. Alexandre Fortes e Antonio Luigi Negro.

ambos usariam para analisar a sociedade inglesa e apresentar propostas de ação para os socialistas (um centrado na análise estrutural e o outro, na possibilidade da ação humana como agente transformador da sociedade).

A análise de Anderson traça uma linha depois da revolução inglesa do século XVII, através da qual haveriam sido transformadas as estruturas, mas não as superestruturas da sociedade, uma aristocracia agrária, sustentada por um grupo mercantilista, tornou-se a classe dominante na Grã-Bretanha. O desenvolvimento do capitalismo agrário destruiu o campesinato e a burguesia industrial (que não teria assumido parte de sua tarefa histórica) formaria um bloco com a aristocracia agrária. Neste processo, a classe operária, em formação, foi derrotada e se desenvolveria de forma subalterna, mostrando-se incapaz de transformar a sociedade e tendendo ao corporativismo. Thompson, por seu lado, responde que a aristocracia agrária havia sido componente fundamental do capitalismo inglês desde seu início. Além disso, a burguesia constituiu-se em classe dominante. Na análise do proletariado inglês efetuada por Anderson, diz Thompson, há uma simplificação do processo, desconsiderando-se a tradição radical e a sua experiência histórica específica. É esse radicalismo que, em grande parte, a obra de Thompson procura resgatar. Essas diferenças de interpretação histórica implicavam em estratégias de ação distintas para os socialistas ingleses da década de 60. Era aí que estava situado o debate.

### **Classe e estratégias de resistência**

Em 1967, Thompson publicou *Time, Work-discipline, and Industrial Capitalism*<sup>15</sup>, onde analisou a disciplinarização do trabalhador através da introjeção de uma noção de tempo mecânico. As transformações dar-se-iam não apenas no plano tecnológico, mas também a nível cultural. Ainda neste ano, participou do projeto *May Day Manifesto*<sup>16</sup>, com Raymond Williams e Stuart Hall entre outros.

---

<sup>15</sup>. THOMPSON, E.P. *Time, work-discipline, and industrial capitalism*. **Past & Present**, n.38, p. 59-97, Feb. 1967.

<sup>16</sup>. WILLIAMS, Raymond (Ed). **May Day Manifesto 1968**. Harmondsworth: Penguin Books, 1968.



No início dos anos 70, Thompson envolveu-se em conflitos em Warwick, onde lecionava. A questão teve início em função da Luta pelos direitos civis e liberdades democráticas ameaçados pela Administração da universidade. No calor do episódio, ele escreveu dois artigos sobre os conflitos: *The Business University*<sup>17</sup> e *Warwick University Ltd: industry, management and universitie*<sup>18</sup> Pouco depois, Thompson, descontente, saiu da universidade e passou a se dedicar a novos escritos.

Em 1971, publicou *The Moral Economy of the English Crowd in the Eighteenth Century*<sup>19</sup>, onde buscava desvendar a complexidade e riqueza dos motins alimentares. Apontava a existência de uma economia moral da multidão, rompendo com o mecanicismo e economicismo de muitas análises marxistas que viam nesses movimentos a pré-história do movimento operário, caracterizada por ausências sucessivas: classe, partido, vanguarda e consciência.

Em 1974, publicou *Patrician Society, Plebeian Culture*<sup>20</sup>, onde discute as relações paternalistas entre a *gentry* e as plebes, no decorrer do século XVIII. Thompson desenvolveu a tese de que haveria dominação através da hegemonia cultural e, neste contexto, as plebes exerceriam práticas defensivas amalgamadas em tradições fundadas no direito consuetudinário, impondo à *gentry* concessões e obrigações. Por outro lado, através destas concessões e de uma complexa trama fundada em reciprocidades paternalistas, a *gentry* exerceria sua dominação. Todavia, este processo não pressupunha a ausência de conflito, mas sua delimitação. Desta forma, a hegemonia da *gentry* podia conter revoluções, mas não contestações ou rebeliões. Afirmava, ainda, que o preço pago pelas classes dominantes inglesas para manter esta hegemonia foi a licenciabilidade das plebes. Periodicamente, as plebes encenavam seu espetáculo de rebeldia e a *gentry* contracenava com punições pontuais e exemplares. De um lado, as plebes ameaçavam mais do que, de fato, podiam e, de outro, a *gentry* procurava demonstrar punir mais do que era

---

<sup>17</sup>. THOMPSON, E.P. *The Business university*. **New Society**, 19, February, 1970.

<sup>18</sup>. THOMPSON, E.P. **Warwick University Ltd: industry management and universities**. Harmondsworth: 1970

<sup>19</sup>. THOMPSON, E.P. *The Moral economy of the English crowd in the eighteenth century*. **Past & Present**, 50, p. 76-131, February, 1971.

<sup>20</sup>. THOMPSON, E. P. *Patrician society, plebeian culture*. **Journal of Social History**, vol 7, n. 4, p. 382-405, 1974.

capaz. Havia uma contracenação através da qual era exercida a hegemonia patricia<sup>21</sup>.

*The Crime of Anonymity*<sup>22</sup>, publicado em 1975, analisa as rupturas de consenso através da estratégia de intimidações anônimas, ameaçando membros das classes dominantes, caso dessem continuidade a esta ou aquela atitude considerada opressora, exploradora ou em oposição ao direito consuetudinário.

No mesmo ano, em *Wighs e Hunters*<sup>23</sup>, Thompson analisa a estratégia de resistência de caçadores, predadores, e de outros homens e mulheres que viviam da coleta e da caça nas florestas e parques da nobreza. Com os *Black Acts*, de 1723, haviam sido definidos e criminalizados dezenas de atos, para os quais previa-se a pena capital. Estas pessoas mascaradas (usavam carvão para esconder o rosto, daí a origem do Black) pilhavam os parques. Se suas armas fossem apreendidas, eles voltavam à noite para tomá-las, ameaçando os guardas florestais ou os subornando. Thompson resgata, daí, a humilhação pública à qual as autoridades eram submetidas, pois se não conseguiam proteger suas propriedades, como governariam o Estado? Tal prática não era um simples roubo, pois fundava-se em um direito anterior e era partilhada e justificada coletivamente e, ao mesmo tempo, desmoralizava as autoridades. De fato, uma prática estava sendo criminalizada. Além do mais, tais práticas eram produto do conflito entre formas de propriedade, noções de direito ao uso da terra e seus produtos, gerados pela imposição de uma nova ordem.

*The Grid of Inheritance*<sup>24</sup>, publicado em 1976, mostra que a introdução de valores e noções de propriedade burgueses, na complexa rede cultural comunal, levou à desagregação da organização comunal. Os cercamentos apenas concluíram este trabalho. Em 1978, publicou

---

<sup>21</sup>. Em 1991 Thompson refaz este artigo publicando -o com o título de **The Patricians and the Plebs**, tornando-o mais sofisticado, mas com poucas alterações em relação ao original. Cf. THOMPSON, E. P. **Customs in common**. New York: New Press, 1991, p. 16- 96.

<sup>22</sup>. HAY, D. ; LINEBAUGH, P. (Eds). **Albion's fatal tree: crime and society in eighteenth century England**. London : Penguin Books, 1975, 255-344.

<sup>23</sup>. No Brasil, foi traduzido como *Senhores e caçadores*. Cf. THOMPSON, E. P. **Senhores e Caçadores**, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

<sup>24</sup>. THOMPSON, E.P ; GOODY, J ; THIRSK, J. **Family and Inheritance**. Cambridge: Cambridge Univ. Press,1976, chapter 9, p. 328-360.

*Eighteenth Century English Society: Class Struggle Without Class?*<sup>25</sup>. Aí, Thompson retoma o processo de formação da classe operária inglesa, e com a introdução das noções de hegemonia cultural e paternalismo, torna a análise mais sofisticada. Sua tese principal é a de que o processo de constituição de classe se dá em decorrência do fato de as pessoas estabelecerem, em seu cotidiano, identidades e diferenças, sentindo-se como integrantes de um mesmo grupo ou de grupos antagônicos. Esta consciência, que se produz no desenrolar da ação humana, propicia a formação da classe, dotando-a de uma consciência, mesmo que embrionária. Resumindo, a formação das classes é decorrente de uma luta (de classes ainda não formadas).

Fazendo referência aos artigos escritos por Thompson, no decorrer da década de 70, A. Doeswijk afirma que:

Estas obras menores tratam de valores, cultura e costumes possuindo um forte sabor antropológico. Tratam de práticas tais como a disciplinarização da vida e do tempo dos artesãos e outros, práticas de resistência por parte daqueles que se recusavam a 'virar uma máquina' ou aceitar passivamente o atropelamento dos seus direitos seculares. Por isso é impróprio chamar Thompson de 'culturalista' como o chamou Richard Johnson, pois nem seria exatamente um 'historiador de mentalidades', já que Thompson nunca analisa o discurso separado das práticas, procurando sempre o 'chão' de onde surgem os discursos. Os homens e as mulheres que encarnam a história não são 'entidades falantes', nas quais o historiador tem que descobrir os significados ocultos das suas falas. (Está claro que estas práticas, em grande parte, são reveladas nos discursos)<sup>26</sup>.

### As principais controvérsias

Em 1978, publicou *The Poverty of Theory*<sup>27</sup>. Este ensaio teve por objetivo combater a penetração do estruturalismo althusseriano na

---

<sup>25</sup>. THOMPSON, Edward P. *Eighteenth century English society: class struggle without class*. *Social History*, v.3, n.2, p.133-166, May, 1978.

<sup>26</sup>. DOESWIJK, Andreas. *Edward P. Thompson: o ofício de historiador*. *Cadernos de Metodologia e Técnica de Pesquisa*, Maringá, n.2, p. 5-36, jan./jul. 1990.

<sup>27</sup>. THOMPSON, E.P. *The Poverty of Theory and Others Essays*. London: Merlin Press, 1978.

historiografia inglesa, o que se dava, principalmente, através da *New Left Review* e da *New Left Books*. Thompson foi criticado pelo tom veemente com o qual atacou o filósofo francês. Porém, gostaríamos de situar melhor esta questão. De fato, havia, desde o início dos anos 60, um debate entre Thompson e os estruturalistas britânicos. Seus debates anteriores com Anderson exemplificam a questão. Além disso, as publicações de Althusser já haviam iniciado um ataque ao que ele denominava de empiricismo histórico. Desfeito este mal entendido, podemos situar a *A Miséria da Teoria* não apenas no ataque, mas na defesa de uma dada tradição marxista, frente aos ataques dirigidos pelo estruturalismo francês.

Observemos a polêmica causada por esta publicação, talvez ela possa iluminar o problema. Iniciemos pela crítica de Richard Johnson.

A crítica de Johnson.

Johnson situa duas tradições no marxismo inglês. Uma fundada na ortodoxia de Dona Torr e Maurice Dobb e a outra, no estruturalismo de Althusser. Reconhece diferenças, mas destaca aproximações entre estas correntes. Propõe-se a buscar um diálogo entre estes campos. Qualifica Thompson e Genovese de "culturalistas", procurando demonstrar como estes se afastaram da tradição intelectual marxista inglesa originada em Dona Torr e Maurice Dobb. Sobre esta questão faz-se necessário confrontar com Harvey Kaye<sup>28</sup>. Para ele, Thompson representa uma continuidade desta tradição.

Para Johnson, Thompson confunde o estruturalismo com o antigo inimigo: o economicismo e, em função disto, simplifica a epistemologia althusseriana para condená-la. Mas Thompson teria razão ao apontar a dificuldade maior dos althusserianos: o distanciamento da teoria da análise de situações particulares. Johnson lembra, ainda, que Althusser foi bem acolhido por Stedman Jones, Anderson e Hobsbawm, embora com ressalvas pelo último, mas que infelizmente não tem havido o necessário debate entre estas tradições.

---

<sup>28</sup>. KAYE, Harvey. **The British Marxist Historians**: an introductory analysis. op.cit. Outra análise sobre o grupo dos Historiadores Marxistas Ingleses pode ser encontrada em SCHWARZ, Bill. *The People in History: The Communist Party Historians* In: JOHNSON, R. (ed). **Making Histories**: studies in history writing and politics. London: Hutchinson, 1982, p.44-95.

A posição de Hobsbawm foi reservada. Gareth Stedman Jones, ex-discípulo de Thompson, concordou com parte da crítica de Johnson, fêz uma revisão do artigo<sup>29</sup> e, possivelmente, contribuiu com algumas sugestões, embora em sua carta ao History Workshop ele deixe claro que discorda de parte dos pressupostos de Johnson<sup>30</sup>. Stedman Jones iniciou suas divergências com o grupo thompsoniano quando publicou *The Language of Chartism* e, posteriormente, *Languages of Class*<sup>31</sup>, onde critica a interpretação de Dorothy Thompson sobre o cartismo. O trabalho de Dorothy defende uma das teses fundamentais da obra de Edward Thompson: que nos idos anos 30 do século passado estava em processo a constituição de uma consciência de classe, simultaneamente à formação do próprio proletariado britânico. Stedman Jones afirma que isto não haveria ocorrido, baseando-se na linguagem utilizada pelos cartistas, que não indicaria uma consciência de classe. Eram palavras muito mais ligadas ao ideário das elites reformadoras e ao radicalismo do século XVIII<sup>32</sup>.

Johnson busca demonstrar que o "culturalismo" faz uma opção pela experiência, em detrimento da teoria. Ora, se remetermo-nos, por exemplo, ao capítulo sétimo de *A Miséria da Teoria* perceberemos claramente que o método de trabalho apresentado por Thompson não implica em uma subordinação da teoria à experiência, mas que o historiador deve verificar empiricamente se o seu modelo analítico é sustentável. Acreditamos que na obra de Thompson a teoria está permanentemente presente. Ela está aqui, acolá, mas dificilmente conseguimos desmembrá-la do corpo da análise empírica. A teoria constitui-se em parte indissociada da narrativa. Esta, por sua vez, é entremeada por "equações" teóricas. Talvez seja por isso que *A Miséria da Teoria* constitua-se no livro mais teórico e ao mesmo tempo mais

---

<sup>29</sup>. Veja as observações de Johnson no início do seu artigo.

<sup>30</sup>. ARACIL, R. ; BONAFÉ, M G. **Hacia una Historia Socialista**. Barcelona: Serbal, 1983. p.182-190.

<sup>31</sup>. O primeiro artigo foi publicado em EPSTEIN, J. ; THOMPSON, D. (Eds). **The Chartist experience: studies in working-class radicalism and culture, 1830-1860**, London: Macmillan, 1982.; JONES, G. Stedman. **Languages of class: studies in english working-class history 1832-1892**, Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

<sup>32</sup>. Sobre esta questão veja o denso artigo de KIRK, Neville *In defense of class: a critique of recent revisionist writing upon the nineteenth-century English working-class*. **International Review of Social History**, Amsterdam, v.32, p.2-47, 1987.

frágil de Thompson. Como disse Basendale, ele faz muito bem teoria quando não está escrevendo sobre ela.

Johnson destaca, ainda, que para os "culturalistas" a relação predominante em uma sociedade é: cultura-classe, não modo de produção-cultura. Para Johnson, o acento culturalista em classe dá a eles pretensão de serem marxistas. O autor conclui que a inflexão culturalista de classe é despojada da riqueza das categorias de Marx. Acusa o "culturalismo" de despojar-se da teoria no interesse da autenticidade. Este fato ocorreria em função de a teoria estar identificada com um esquema mental apriorístico e a história com uma direta mediação do real. Johnson aponta a partir disto, que ele não vê uma relação tão clara (em relação ao real) entre as afirmações abstratas sobre o Modo de Produção (p. ex) e a matança de Peterloo. Ambas afirmações seriam pensamentos sobre o real. Aqui, Johnson não percebe que uma nunca pôde sair de um esquema mental e, a outra, teve sua materialidade comprovada. Existiu de fato, teve efeitos reais e concretos. Isto não quer dizer que os "esquemas mentais" devam ser abandonados, mas devem ser submetidos à verificação empírica. Jamais poderá ser provado que Peterloo não existiu. Poderá se reconstituir sua história, promover alterações em sua interpretação, mas nada disto poderá alterar o que ocorreu em Peterloo. De outro lado, um esquema mental pode ser totalmente refutado se se comprovar sua falsidade.

Segundo Johnson, o "culturalismo" se distanciaria do método do Marx maduro. Seus adeptos ficariam presos às partes históricas e esqueceriam que estas somente puderam ser construídas a partir de abstrações anteriores, das quais dependeria a coerência do relato. Parece-nos que Johnson esquece o fato de que somente foi possível a elaboração destas abstrações marxianas a partir de um meticuloso estudo (considerando-se as condições da época) dos processos históricos relativos à problemática em questão. Pode-se adendar que alguns estudos históricos de Marx descem ao preciosismo factualista, como *O 18 brumário de Luís Bonaparte*, ou seus estudos sobre a Rússia e a Irlanda.

Para Johnson, Thompson e Genovese promovem duas reduções: 1) classe e formações sociais a relações entre grupos; 2) redução do econômico. Não perceberiam que estas relações entre grupos têm suporte nas relações sociais de produção. Acrescenta, Johnson, que o "culturalismo" apropriou-se da noção de hegemonia, de Gramsci. Embora a formulação de Gramsci fosse concernente à relação base/superestrutura,

Thompson e Genovese apropriam-se do conceito relacionando-o unicamente com cultura e política. Para o autor, em Gramsci, apesar do historicismo de sua concepção filosófica, a concepção de formação social é de natureza unicamente estruturalista. As superestruturas não eram meramente compostas de idéias ou relações entre pessoas. Estavam sujeitas à organização político-institucional. Esta concepção não poderia ser vista enquanto historicista. No entanto, Thompson e Genovese derrubariam a estrutura econômica e a superestrutura cultural e política. Na teoria, condenariam a distinção, na prática, a estrutura desapareceria virtualmente. Thompson e Genovese seriam, desta forma, historicistas.

Ora, o conceito de historicismo não tem necessariamente a conotação pejorativa imputada por Johnson. Lembre-se que Gramsci definiu o marxismo como historicismo absoluto - tampouco pode-se dizer que, em Thompson e Genovese, a relação de hegemonia se resume à relação exclusiva entre cultura e política que desempenham, isto sim, um papel fundamental na compreensão da sociedade, diferentemente do papel decorativo que ocupa em certos círculos ortodoxos.

No capítulo VI, o mais econômico do *The Making*, afirma Johnson, os processos econômicos estão representados de forma simbólica. Para ele, Thompson promete fazer uma análise séria da exploração, mas sua análise cai novamente no culturalismo, quando precisaria empregar as categorias legadas por Marx: mais-valia absoluta, mais-valia relativa, transição do trabalho manual ao mecânico; Thompson emprega: "intolerável", "mais duras", "mais impessoais", "sentia". Isto indicaria uma volta ao mundo das valorações culturais e experienciais. Para Johnson, *The Making* seria elaborado a partir de categorias distantes dos conceitos científicos de Marx.

Johnson acredita que "um stratagema muito mais poderoso" (que o modelo "culturalista") é mostrar como, mesmo em momentos de hegemonia consensual ou derrota política, a classe se mantém integralmente como classe. Isto viria requerer muito mais trabalho e uma concepção de classe ou classes que não tivessem como suporte somente noções "culturalistas", mas também a ortodoxia sobre posições e relações econômicas. *Patrician Society, Plebeian Culture* não faz isto (com uma sofisticação impossível em modelos mecanicistas)? Não analisa a constituição de valores de classe mesmo em uma hegemonia patricia? *Eighteenth-Century English Society: Class Struggle without Class* não

sofistica esta análise, ao procurar entender o processo de constituição do proletariado inglês? Além disso, Thompson defende a tese de que a hegemonia *Whig* não produziu um período onde imperasse a ordem burguesa, sem contestação, pois, apesar desta hegemonia, houve um descontínuo processo de resistência, fundado em valores tradicionais reelaborados e redirecionados em função dos conflitos emergentes na nova sociedade. A partir deste modelo, ele procura entender como experiências derrotadas podem ser agentes de novas e poderosas formas de resistência e ou organização.

#### A Crítica de Anderson

Anderson reconhece que a História de Thompson teria sido a mais abertamente política de sua geração. Cada uma de suas obras seria concluída com uma reflexão direta e manifestaria sua perspectiva de ação para os socialistas da época. *The Making* apresentaria uma noção de classe e consciência de classe *Whigs e Hunters*, a crítica à noção de base e superestrutura apresentada através do prisma da lei; *William Morris*, a reabilitação do utopismo; *A Miséria da Teoria* apresentaria quatro problemas fundamentais; 1) o carácter da investigação histórica, 2) o papel da ação humana na história, 3) a natureza e o destino do marxismo, 4) o fenômeno do stalinismo.

Anderson vê, em *A Miséria da Teoria*, três problemas distintos: a) qual seria a natureza particular e o status dos dados empíricos em uma investigação histórica? b) quais seriam os conceitos apropriados para a compreensão do processo histórico? c) qual seria o objeto característico do conhecimento histórico? Entende que Thompson comete um grave erro ao afirmar que a história é um conhecimento aproximado e ao negar a ela o Status de ciência. Neste ponto, Anderson invoca Popper, *The Logic of Scientific Discovery*, em seu auxílio.

As teorias não são nunca verificáveis empiricamente. Se queremos evitar o erro positivista de que nosso critério de demarcação elimine os sistemas teóricos da ciência natural, devemos eleger um critério que nos permita admitir no domínio da ciência empírica inclusive enunciados que não possam ser verificados. (...) Essas considerações nos sugerem



que o critério de demarcação que temos que adotar não é o da verificabilidade, senão o da falsidade dos sistemas"<sup>33</sup>.

Assim, o que Thompson considera uma exceção na história (conhecimento aproximado- impossível verificação empírica) seria na realidade o estado normal de toda ciência. Parece-me que Anderson, ao assumir esta proposição popperiana, define claramente o seu campo de ação na análise historiográfica. Entendemos que esta proposição, aceita em sua íntegra, implica em uma autonomização excessiva do modelo teórico em relação à materialidade dos fatos.

Para compreendermos o embate entre Thompson e Anderson, não apenas em sua dimensão historiográfica, mas sobretudo política, é fundamental entendermos que, para o último, um fato histórico é "o que produz uma mutação nas relações estruturais existentes". Esta perspectiva remete a um mecanicismo na relação entre um fato e as relações estruturais. Como decorrência, verifica-se uma prolongada relação estática na sociedade (que não leva a mudanças estruturais), seguida de mudanças estruturais (momento histórico). Assim, a história perde sua dinâmica, riqueza e complexidade. Seguindo este pressuposto, o desenvolvimento de um processo de lutas sociais que, sem alterar as relações estruturais da sociedade, tenha provocado mudanças significativas no modo de vida de uma dada população, não se constituiria em fato histórico e, portanto, poderia não se constituir em objeto de estudo do historiador

Anderson tem parcialmente razão quando cobra a ausência real da classe no *The Making*. Faltam dados detalhados sobre a mesma. Todavia, devemos salientar que uma das características do trabalho de Thompson foi ampliar este universo. Além disso, Anderson não seria indicado para essa cobrança pois, segundo Popper (por ele assumido sem ressalvas), o que deve ser considerado é a falsidade ou não do sistema, pressupondo-se a impossibilidade da verificação empírica.

Na visão de Anderson a classe operária inglesa não estava formada em 1830. Para justificar esta assertiva, indica que suas lideranças não eram proletárias. Aplicando-se este raciocínio a outras situações, seu modelo teórico desmorona. Apenas para não nos esquecermos, quais

---

<sup>33</sup>. ANDERSON, Perry. **Teoria, Política e História**: un debate con E.P. Thompson. Madri: Siglo XXI, 1985. p.12.

eram as origens de Marx, Engels, Lenin, Trotski, Rosa Luxemburg?

Althusser, segundo Anderson, cairia em uma história de processo sem sujeito e Thompson em uma prática humana não dominada. As duas seriam a-históricas, porém, Althusser estaria mais inclinado à história que Thompson. Parece-nos que as desavenças pessoais e intelectuais turvaram a visão de Anderson. Onde Althusser poderia aproximar-se mais da história, se em seu modelo o que a história faz a filosofia pode fazer antes e melhor? Isto não eliminaria o homem como sujeito da história e, ao fazê-lo, tornaria a história tão estática quanto possível, definida por estruturas que independeriam da vontade e da ação humanas?<sup>34</sup>

Ainda, entende que Thompson seguiria o seguinte raciocínio: O verdadeiro objeto do materialismo histórico é o conhecimento unitário da sociedade, cujo esquema foi iniciado por Marx, nos idos de 1840, com os *Manuscritos Econômicos*, *A Ideologia Alemã*, *A Miséria da Filosofia* e o *Manifesto Comunista*. Então teria ocorrido um desvio na década seguinte, pois Marx teria abandonado seu objeto inicial, produzindo uma versão socialista, tomando por base um homem econômico. Em função disto, foram deixadas de lado outras relações de poder, de consciência, sexuais, culturais e normativas. Somente mais tarde, Marx, corrigiu-se, em certa medida, com *O Capital*. Esta obra introduziria algo de história nas abstrações herméticas da economia política, mas o livro continuaria sendo uma monumental incoerência, pois, entre outras coisas, estaria preso à categorias puramente econômicas e a-históricas, o que teria provocado conseqüências desastrosas para o marxismo. Ainda, apontaria que Engels, na década de 80, tentou retificar, relativizando a autonomia da superestrutura e dos elementos econômicos na história. Por fim, Althusser teria absolutizado os erros dos *Grundrisse* e do *O Capital*, aprisionando-se à categorias da economia política.

---

<sup>34</sup>. Faz-se necessário lembrar, todavia, que a questão do homem como sujeito da história é uma questão controversa em Marx e que, portanto, aqueles que gostam de retomá-lo, poderão encontrar respaldo nesta empreitada, quer para defenderem o desenvolvimento das forças produtivas como sujeito da história, bem como o homem como sujeito. Diga-se de passagem em algumas obras esta tensão aparece claramente, tendo-se a impressão de que a história possui dois "únicos" sujeitos. *A Ideologia Alemã* constitui-se em minha opinião no melhor exemplo desta tensão.

Anderson diz que Thompson apontaria na teoria do materialismo-histórico a carência de uma explicação sobre os meios de correspondência entre os modos de produção e o processo histórico. Então, afirma, com um certo sarcasmo, que o que Thompson descobriu aí foi a experiência humana. Thompson acusaria Marx de silenciar-se sobre a importância da cultura. Marx nunca teria refletido sobre a força que teria, na história, a moralidade e a afetividade, em oposição ao interesse e à ideologia. Dever-se-ia, então, renunciar ao marxismo como teoria, pois sua pretensão de ser ciência teria sido sempre obscurantista. Porém, dever-se-ia render homenagem à tradição investigadora e positiva derivada de Marx, a qual teria o que dizer sobre o mundo. *A Miséria da Teoria*, segundo Anderson, estaria centrada em uma leitura que valoriza a obra do jovem Marx e, mostra que Engels, no *Anti-Dhuring* e na *Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, teria procurado remediar os desvios do Marx maduro.

Anderson questiona a crítica de Thompson ao conceito de *modo de produção*. Para ele, Thompson aponta que, embora o conceito houvesse sido um progresso no conhecimento de sua época, seria uma categoria adequada à teoria econômica e não à História. Um modo de produção capitalista não seria capitalismo, conceito que tem levado a erros e desvios nas mãos de filósofos como Althusser. Entende que a crítica central de Thompson à versão althusseriana da História baseia-se no conceito de sobredeterminação. O ataque de Thompson aos conceitos históricos presentes na obra de Althusser fundam-se na tomada da noção marxiana de modo de produção como algo dado.

Para Anderson, essas desavenças são um mero produto da proposta positiva formulada por Thompson em *A Miséria da Teoria*; ao negar o itinerário - modo de produção- formação social - topografia de práticas- temporalidade diferencial - ele apresenta sua própria rota (mais curta). O ponto perdido entre o modo de produção (abstrato) e o processo histórico (concreto) é a experiência humana.

Sobre o conceito de experiência, William Sewell Jr, vê a insistência de Thompson na primazia da experiência na formação de classe, como decorrente de sua reação contra as formulações *stalinistas* que tendiam ao abstrato e ao dedutivo. Acredita que experiência é o conceito teórico central e constitui-se na grande fraqueza do trabalho de Thompson. Por outro lado, ressalta que é a chave da estratégia narrativa deste historiador inglês. Sewell entende que o conceito é muito amplo,

dificultando o entendimento de sua delimitação no papel da teoria da formação de classe e que ao contrário do que Thompson afirma, a experiência não exerceria um papel ativo no processo de formação da classe operária, porque considerando-se sua análise, a formação da classe operária não seria nada, mas apenas experiência.

Anderson afirma que o equívoco thompsoniano aconteceria como decorrência do esquecimento do princípio central do materialismo histórico: a tese de que a contradição entre as forças produtivas e as relações de produção é a base mais profunda de uma transformação a longo prazo. Acredita, ainda, que a diferença entre Thompson e os continuadores da *New Left* seria que o primeiro privilegiaria a questão da cultura e os últimos a questão do poder. De fato, pode-se cobrar de Thompson uma discussão mais elaborada, ou mesmo uma teoria sobre o poder. Mas pode-se, ao mesmo tempo, indagar se um dos problemas do marxismo ortodoxo, quer como modelo teórico, movimento ou poder estabelecido, não tem sido desconsiderar o peso das tradições culturais? Observemos o projeto da *New Left (atual)*, segundo Anderson: dissolução do capitalismo, expropriação dos meios de produção, construção de um novo tipo de estado e de ordem econômica em que os produtores associados possam exercer pela primeira vez um controle sobre sua vida de trabalho e um poder direto sobre seu governo político. Qual a mediação possível entre esta "carta de intenções" e o mundo real britânico, onde a *New Left* está inserida? Qual a base de apoio para a implementação destas propostas? Considerando-se a sociedade inglesa, contemporânea, este "modelo" de ação política preconizado partiria de uma análise histórica ou a-histórica?

### **A militância e a produção dos últimos anos**

Nos anos 80, Thompson atuou intensamente no movimento anti-armamentista europeu e abandonou temporariamente seus estudos sobre o século dezoito. Neste período, destaca-se *Exterminism and Cold War*<sup>35</sup> a única destas obras publicadas no Brasil, foi a última, mas sem a riqueza de todo o debate, pois era um artigo escrito para a *New Left*, lido e debatido por diversos interlocutores, dentre os quais Mike Davies, Lucio Magri, Zhores Medvedev, Noam Chomsky e Fred Halliday. Na edição

---

<sup>35</sup>. THOMPSON, E.P. *Exterminism and Cold War*. London: New Left Books, 1982.

brasileira foi cortada cerca da metade dos ensaios sem maiores esclarecimentos. Com as mudanças provocadas pelas transformações ocorridas no Leste Europeu, Thompson, conforme prometido, retomou seus estudos sobre o século XVIII, publicados com o título de *Customs in Common*.

Através dos estudos sobre o século XVIII, Thompson objetiva tornar "cultura" plebéia um conceito mais concreto e útil. Ele parte da tese de que, a consciência e os costumes tradicionais plebeus foram bastante intensos durante este século e que dentre estes costumes, alguns eram recentes e se constituíam em exigências por novos direitos. Outros, haviam sido endossados e efetivados através da pressão e do protesto popular, mas geralmente havia uma relação entre estes costumes e a *Common Law*.

Thompson acredita que começou a haver uma dissociação entre cultura plebéia e cultura patricia, no transcorrer do século XVIII e início do seguinte. Ele indica que, embora muitos costumes plebeus pudessem ser descritos como visíveis, outros tornaram-se menos visíveis e, cada vez mais, a *gentry* encontrava dificuldades para compreender e penetrar na cultura plebéia. Neste processo, muitas comemorações perderam o tom do consenso e passaram a ser temidas pelos patrões e corporações, sendo vistas enquanto momentos de perigo e desordem. Estes conflitos foram adquirindo, crescentemente, contornos de conflito de classes. Tornaram-se um campo de contestação e oposição aos novos valores que ameaçavam o modo de vida das plebes. Paralelamente, ele não vê essa cultura plebéia como autodefinida ou independente de influências externas. Ela foi se formando defensivamente, em oposição à força e ao controle patricio. Essa cultura teria sido vigorosamente transmitida de geração a geração através da transmissão oral, ramificando-se, através de almanaques, de livretos, de anedotas e de músicas de escárnio.

As plebes selecionavam, dentre os costumes tradicionais, o que pudesse ser usado em sua defesa, frente a uma sensação de perda, de exploração e de expropriação. Mas essa cultura, dificilmente poderia ser chamada de conservadora, pois gradualmente tornava-se mais livre do controle senhorial, paroquial ou paternal. Ela iria sendo definida em meio a um conjunto de valores, atitudes, hábitos, muitas vezes mascarados por rituais de paternalismo e deferência, no interior de uma complexa rede de relações que estabelecia o equilíbrio social vigente. Neste contexto, a hegemonia da *gentry* ainda ditava os limites da cultura

plebéia. Para Thompson, o paradoxo do século seria a existência de uma cultura plebéia tradicional mas, ao mesmo tempo, rebelde na defesa do costume.

Thompson veria no século XVIII uma crescente confrontação entre uma economia de mercado inovadora e uma economia moral das plebes. Ele enxerga neste conflito o embrião da formação de classe e de consciência de classe. Neste processo dar-se-ia a resistência à imposição dos novos valores dominantes, através da consolidação de uma rede própria de valores, onde a lógica e o significado dos antigos costumes ganham uma nova dimensão e sentido social.

*Customs in Common* não se constitui em uma nova obra, mas na revisão de publicações sobre o século XVIII, acrescida de novos artigos. Thompson republica artigos como, por exemplo, *The Moral Economy of the English Crowd in the eighteenth Century* e *Time, Work-discipline and Industrial Capitalism*; promove alterações em *Patrician Society, Plebeian Culture*, que foi "fundido" com *Eighteenth-Century English Society: Class Struggle without Class?* e republicado como *The Patricians and The Plebs*; *Rough Music* é uma versão mais sofisticada e detalhada de '*Rough Music*': *Le Charivari Anglais*. O autor retomou, ainda, algumas discussões como, por exemplo, *The Moral Economy reviewed* onde respondeu aos seus críticos. Em *Custom and Culture* teceu uma sofisticada costura entre estes temas. Os outros artigos embora tratem de temas já abordados pelo autor, são novos.

Thompson desenvolve, nestes ensaios, o estudo do século XVIII. Ele mostra que este século foi permeado por conflitos entre o que poderíamos chamar de classes dominantes e classes subalternas. Isto teria sido possível em função da fragilidade interna do Estado. Em resposta a alguns críticos que indagam como a mais moderna, imperialista e sólida nação poderia ser internamente frágil, Thompson desenvolve a tese de que o Estado dirigido pelos *Whigs* era essencialmente corrupto. Um estado de rapina e que, não havia se organizado como aparato administrativo no exercício do poder de classe, mas muito mais como instrumento de apropriação de recursos e corrupção. A permanente contestação seria, na realidade, um processo onde os pobres procuravam manter o pouco do controle que tinham sobre o mercado, baseando-se na *Common Law*. Onde Thompson vê rebeldia, protesto, contestação, muitos críticos vêem apenas crime. Resumindo, a linha geral do trabalho indicaria o desenvolvimento de estratégias díspares, descontínuas

e desconexas, que possibilitavam a resistência à nova ordem em processo de consolidação (livre mercado), buscando resgatar, na Common Law, apoio e justificativas morais para suas práticas contestatórias. Desta forma, os crimes não eram "costumeiros" mas, como aponta Ellen Wood<sup>36</sup> citando Linebaugh, estaria havendo uma criminalização dos antigos costumes que entravam em conflito com a nova ordem.

Thompson contestou a crítica de Istvan Hont e Michael Ignatieff de que ficaria preso à visão smithiana de mercado, afirmando que mercado é uma metáfora que mascara os interesses privados dos capitalistas e que em muitos casos os *riots* fizeram com que a escassez não se transformasse em fome generalizada. Sugere cuidado no uso do termo, pois não entende o que seja mercado no século XVIII, ou uma economia que não seja de mercado. Afirma não conseguir ver economia sem mercado. Assim, os *riots* poderiam constituir-se em estratégias reguladoras. Eles abriam mercados privados onde ocorriam barganhas entre negociantes, obrigando-os a oferecer produtos estocados para especulação. Indica ainda a edulcoração do mercado com uma suposta neutralidade, quando, de fato, existe apropriação privada de seus benefícios.

Debate com John Bohstedt<sup>37</sup> procurando demonstrar que este comete um equívoco ao procurar demolir o "mito" dos *food riots* femininos. Não haveria mito a demolir, considerando-se que nenhum historiador sugeriu que os motins alimentares fossem monopólio das mulheres. Questiona os dados apresentados por Bohstedt, afirmando que dos 617 casos por ele apresentados somente 240 eram *food riots*. Indica que as referências a sexo são imprecisas, que de uma forma geral os motins são mistos, mas com grande presença da mulher, o que questiona a tese da mulher submissa que fica no lar. Debatendo com Dale Williams<sup>38</sup>, critica seu mecanicismo no estabelecimento de uma relação causal entre fome e distúrbios. Afirma que carestia e fome nem sempre provocam

---

<sup>36</sup>. Elen M. WOOD faz uma breve mas precisa análise deste trabalho de E.P. Thompson. Veja seu *Custom against capitalism*. **New Left Review**, London, n. 195, sep./oct.1992.

<sup>37</sup>. BOHSTEDT, John. **Riots and community politics in England and Wales 1790-1810**. Cambridge (Mass): Harvard University Press, 1983

<sup>38</sup>. WILLIAMS, D. *Were 'Hunger' Rioters Really Hungry?*. **Past & Present**, n. 71, May, 1976

conflitos, citando exemplos na Irlanda, Índia e algumas regiões da África. Indica que, quando eles acontecem, geralmente perseguem uma estratégia com objetivos mais ou menos definidos e com alguma possibilidade de sucesso.

Em dezembro de 1993, foi publicado, postumamente, *Witness Against the Beast: William Blake and the Moral Law*<sup>39</sup>. Existem dezenas de outras publicações de Edward Palmer Thompson. Referências precisas podem ser encontradas em B. Palmer<sup>40</sup>.

Para Harvey Kaye, os escritos de Thompson contribuem para alterar a visão de "estabilidade" e "ordem" que se haveria seguido à revolução inglesa do séc. XVII e precedido a revolução industrial. Ele afirma, ainda, que Thompson apresenta a mais explícita linha teórica de autodeterminação de classe e que representa a continuidade de uma tradição dos historiadores marxistas britânicos que vai de Donna Torr, Maurice Dobb, passando por Hill, Hilton e Hobsbawm.

A relação entre Dobb e Hilton e outros é caracterizada nem por ruptura entre economicismo e culturalismo, nem por uma continuidade em termos relativos a relações econômicas (...) a mudança de ênfase no trabalho de Dobb para o de seus jovens colegas tem por base mudança, não ruptura. Sobretudo a continuidade não refere-se a relações econômicas, mas de relações e lutas de classes em sua totalidade<sup>41</sup>.

Neste aspecto, Kaye vê uma produção coletiva, o que é perfeitamente defensável. Contudo, deve destacar-se que talvez ele minimize excessivamente as diferenças presentes na tradição marxista britânica, objetivando tecer seu fio condutor.

A influência de Thompson tem crescido significativamente. Podemos percebê-la em diferentes campos da história social. Robert Woods Jr, seguindo um veio de Tilly, Thompson e Rudé, faz uma bela análise da composição de multidões em distúrbios na Inglaterra do século

---

<sup>39</sup>. THOMPSON, E.P. **Witness Against the Beast: William Blake and the Moral Law**. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

<sup>40</sup>. Cf. PALMER, B. op. cit p. 139-144. Para uma análise mais detalhada da obra de Thompson veja também o recente trabalho de Bryan PALMER. **E.P. Thompson: Objections and Oppositions**. London: Verso, 1994. Nesse livro escrito logo após a morte de Thompson, pode se encontrar informações detalhadas sobre a trajetória, obra e até mesmo sobre o obituário do grande escritor inglês.

<sup>41</sup>. KAYE. op. cit p. 21-22.



XVI<sup>42</sup>, Dieter Groh aprofundou alguns conceitos para se compreender o que ele denominou como movimentos sociais não-organizados, em oposição à noção de espontaneísmo, pois esta última funcionaria enquanto uma categoria residual, que dificultaria a compreensão de processos distintos agrupados sob um mesmo rótulo.<sup>43</sup> Adrian Randall mergulha no mundo pré-ludita, procurando demonstrar que a violência organizada é apresentada como uma estratégia alternativa de bem organizados trade-unions, utilizada onde o poder inovador dos empresários não conseguia subordinar totalmente os homens e mulheres trabalhadores<sup>44</sup>. Para Holton<sup>45</sup>, durante os últimos 20 anos têm crescido os estudos históricos sobre as multidões. Dentre os historiadores, Rudé tem sido uma das maiores influências. Entretanto, surpreendentemente, a noção de "Crowd" de Rudé tem recebido poucas críticas. Afirma, ainda, que Rudé simplifica a questão e não mostra dados que justifiquem a separação de multidão pré-industrial e industrial. Indica que Thompson fêz um trabalho "mais cuidadoso" e abordou questões importantes relativas à tradição e à cultura. Mostra que Rudé não tratou de comunidade. Ficou preso à classe e ocupação<sup>46</sup>.

---

<sup>42</sup>. Cf. WOODS Jr., *Individuals in the rioting crowd: a new approach*. **The Journal of Interdisciplinary History**, Massachusetts, v.14, n.1, p.1-24, Summer, 1983.

<sup>43</sup>. Cf. GROH, D. *Base-Processes and the Problem of Organization: Outline of a Social History Research Project*. **Social History**, v. 4, n. 2, p. 265-283, May 1979.

<sup>44</sup>. RANDALL, Adrian. **Before the Luddites**: custom, community and machinery in the English woollen industry. 1776-1809. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.

<sup>45</sup>. HOLTON, R. *The Crowd in history: some problems of theory and method*. **Social History**, v. 3, n. 2, p. 219-233, 1978.

<sup>46</sup>. Apontei em meu trabalho de mestrado que não se tem observado atentamente as diferenças entre de um lado Rudé e Hobsbawm, no tratamento de movimentos de multidão e, de outro lado, Thompson. Rudé, apesar de suas significativas contribuições à história das multidões ainda fica excessivamente preso a uma concepção espasmódica destes movimentos. Hobsbawm, curiosamente em *Os Destruidores de máquinas* (1952) havia se libertado bastante desta visão, mas em *Rebeldes primitivos* (1959) e em *Deveriam os pobres se organizar* (1978 - uma réplica a F. F. Piven e R. Cloward), retoma tal perspectiva. Cf. Munhoz, , Sidnei. **A Ordem do caos versus o ocaso da ordem**: saques e quebra-quebras em São Paulo - 1983. Campinas, 1990. Dissertação (Mestrado em História Social do Trabalho) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, especialmente p 5-6 e 131-132

Suzanne Desan<sup>47</sup>, mesmo concordando com as teses centrais do trabalho de Thompson, afirma que, ao procurar resgatar o peso das tradições culturais, ele subestima os fatores de natureza sócio-econômica. Ressalta ainda que "comunidade" é algo mais complexo do que aparece em Thompson e que este não atentou às diferenças internas, às disputas de poder e aos papéis nela desempenhados. Para Desan, economia moral poderia ter diferentes significados para distintos membros da mesma comunidade. Segundo a mesma autora, Thompson não indaga como o desencadeamento de ações violentas pode alterar os papéis no interior da comunidade, nem analisa a estrutura de poder das massas no desenrolar de ações violentas.

Kaye conclui a parte sobre a obra de Thompson, em instigante livro, com o que ele chama de uma citação thompsoniana .

Experiência histórica é um processo em movimento, no qual o homem é ele mesmo um agente ativo. A 'realidade' da história, se isso tem significado, pode apenas representar a totalidade da própria história: e precisamente em atividade - fazendo história - o homem estabelece sua relação com o mundo objetivo e aprende o que é história"<sup>48</sup>.

Para Sewell , muito do que Thompson disse não era claro ou tinha problemas teóricos. Entende que sua definição de classe como um fenômeno histórico se dá em oposição ao formalismo dedutivo stalinista e às deduções estruturais/funcionais estáticas dos sociólogos. Assim, para Thompson classe existiria apenas no tempo e, em consequência disto, somente poderia ser conhecida historicamente. Abordagens não históricas necessariamente distorceriam e poderiam até obliterar o objeto.

Para este autor, a linha seguida por Thompson está impregnada de determinação. A experiência propiciaria a mediação entre forças produtivas e consciência de classe, contudo, para o marxismo clássico, isto é luta de classe. A sua noção de experiência de classe é muito mais ampla: não apenas movimentos de luta, mas entre estas ações, as relações de produção e a consciência de classe há um vasto, múltiplo e con-

---

<sup>47</sup>. Cf. DESAN, S. *Massas, comunidade e ritual na obra de E.P. Thompson e Natalie Davis*. In: HUNT, L. (Org) **A Nova história cultural**. São Paulo , Martins Fontes, 1992. p. 63-96.

<sup>48</sup>. DOBB,apud KAYE op. cit. p.220

traditório reino da Experiência. Não é um processo puro ou unidirecional de aprendizado (da verdade) colocado pelos marxistas clássicos.

O processo não é dado por leis da história. O trajeto dessa experiência é dado em termos culturais. Ação humana é determinante. Há um fraco determinismo, mas as relações de produção determinam experiência (mas não no todo) e a experiência de classe determina a consciência. Afirma que o modelo thompsoniano é repleto de estruturas e neste aspecto, é tão fechado quanto o de Althusser. Propõe que Thompson adote o modelo de Giddens, pois, nesta perspectiva, estrutura e ação não são antagônicas, mas indissolivelmente ligadas. Ação e estrutura pressupõem um o outro.

Uma vantagem dessa teorização da história de Thompson - como uma avaliação de meios estruturalmente formados, ordenando ou transformando estruturas - é que ela oferece uma solução para uma muito reconhecida fraqueza do *The Making*: Thompson nega o papel da estrutura na formação de classe. Thompson evita a estrutura porque ele não deseja introduzir forças extra-humanas em sua narrativa. Seus críticos contra-argumentam que através da concentração de forças 'subjetivas' ele omite as forças 'objetivas' as quais de fato desempenham um papel dominante na formação de classe. Mas Thompson e seus críticos compartilham do mesmo erro em pensar que as estruturas são objetivas e por essa razão existem em um nível ontológico diferente do que agem<sup>49</sup>.

Sewell concorda com Thompson que a classe operária formou-se por volta de 1830, mas admite que o programa e linguagem cartista demonstram uma consciência não plenamente desenvolvida. O cartismo teria concentrado sua ação na reforma eleitoral, na crítica à corrupção e ao monopólio e pouco teria se atido à crítica das relações de propriedade. Para ele, houve uma reversão do processo após o fim do movimento, mas isto não derrubaria a teoria de Thompson. Sewell indica a possibilidade de um permanente fazer e refazer-se da classe. Ele vê neste processo uma transformação do discurso radical precedente e a aliança de classes torna-se fundamental no processo de constituição do proletariado enquanto classe social. Isto explicaria as diferenças entre o

---

<sup>49</sup>. SEWELL Jr, W. op. cit. p. 66.

"revolucionarismo" do proletariado francês e o "reformismo" do britânico. Experiências radicais diferentes levariam a consciências distintas.

Para Catherine Hall<sup>50</sup>, Thompson, ao mudar a ênfase da perspectiva marxista clássica nas relações de produção, teria possibilitado o enfoque de novas formas de exploração e dos significados dados para a experiência na construção da consciência de classe. Para esta autora, *The Making* constituiu-se na maior intervenção intelectual e política de sua época e remeteu classe e cultura para o centro dos debates na história, como nunca haviam sido. Além disso, a produção feminista ligada ao *History Workshop* foi profundamente influenciada pelo trabalho de história social thompsoniano. Sua insistência no resgate do pobre *stockinger*, o ludita, o "obsoleto tecelão manual", o utópico artesão e sobretudo os seguidores de Joanna Southcott, acenou com novas possibilidades para resgate "do sexo esquecido", abordado por Sheila Rowbotham em *Hiddeem from History*. *The Making* caracteriza ativistas políticos femininos, membros de sociedades reformadoras e sindicatos. Thompson teria influenciado profundamente os trabalhos de Barbara Taylor, *Eve and the New Jerusalem*<sup>51</sup>, o qual teria sido construído sobre uma perspectiva thompsoniana ampliada.

Geoff Eley<sup>52</sup> lê a obra de Thompson a partir do pressuposto de que o crescimento da esfera pública tenha provocado profundas transformações nas relações de autoridade. Assim, a reconstrução da autoridade através de modalidades institucionais e ideológicas da esfera pública teriam implicado na suplantação da estrutura paternalista da *gentry*. Dentre os pontos importantes no trabalho de Thompson, Eley destaca que ele provocou uma radical revisão, em nossa compreensão do processo político. Em segundo lugar, a defesa de que a emergência middle-class pública nunca foi definida somente na luta contra o absolutismo, mas também através da contenção popular. Em terceiro, a visão de que um "público" -plebeu- floresceu no espaço não ocupado por

---

<sup>50</sup>. HALL, Catherine. *The Tale of Samuel and Jemima: gender and working class culture in nineteenth-century England*. In: KAYE, H.J. ; McCLELLAND, K. (org). **E. P. Thompson: critical perspectives**. Cambridge : Polity Press, 1990. p.78-102.

<sup>51</sup>. TAYLOR, Barbara. **Eve and the new Jerusalem: Socialism and Feminism in the nineteenth century**. London: Virago, 1983.

<sup>52</sup>. ELEY, Geoff. *Edward Thompson, social history and political culture: the making of a working-class public, 1780-1850*. In: KAYE, H. ; McCLELLAND , op. cit., p. 12- 49.

um Estado fraco e carente de uma máquina burocrática eficiente. Ressalta que a tese desenvolvida por Thompson possui uma conexão com a idéia de esfera pública de Habermas. Por fim, destaca a construção de uma sofisticada concepção de resistência política.

Para Eley, é difícil de provar o surgimento de uma política independente da middle-class. Ele entende que este é o ponto fraco do trabalho de Thompson, pois se de um lado essa middle-class é dada como dependente e subordinada ao clientelismo da estrutura política do século XVIII, nas primeiras sete décadas deste século, não encontramos industrial ou profissional de classe média que exerça um papel de freio a operações predatórias da oligarquia política. Aponta também, como problema, a carência de uma especificidade sociológica em Thompson. Por exemplo, o termo "plebes" ocupa papel semelhante a outros termos como "povo", "classes baixas" e "populacho"

Eley questiona a tese do paternalismo da *gentry* defendido por Thompson, pois entende que, entre 1830 e 1840, os radicais atacavam a aristocracia proprietária de terras e a corrupção burocrática e, o homem de classe média opunha-se à legitimação da propriedade das manufaturas e comerciantes. Neste sentido, a democracia radical dos anos 90 era um momento originário de uma contínua crítica anti-aristocrática e anticlerical. Outro ponto falho, para Eley, foi não haver mostrado como as linhas de representação entre a cultura radical dos anos de 1820, majoritariamente artesanal, e a classe operária como um todo, predominantemente assalariada, foram delineadas.

Eley destaca que a primeira característica da presença da nova classe operária foi sua consciência política oposicionista. Ele vê, no cartismo, uma unidade política e econômica dos descontentes; a emergência pública de uma classe operária independente da cultura provincial urbana do século XVIII. Reconhece que o grau de autonomia dependeu de fatores não estruturais como efeitos da repressão (ruptura do bloco com a burguesia -1790) e duração das guerras. Ressalta que, dentre as instituições da classe operária, a imprensa teve um papel preponderante em função de sua capacidade de agitação. Para ele, o movimento produziu e dirigiu suas formas de agitação e organização. Salienta que a força do cartismo revelou-se de forma impressionante na esfera cultural, através da intervenção cultural articulada, inclusive com inversão de valores estabelecidos e apropriação de ritos; aponta o desenvolvimento de uma tradição radical e de um senso de solidariedade

e de socialização. Ainda, a cultura radical teve, na opinião de Eley, sua maior expressão política no ideal de comunidade. Acrescenta a importância da experiência de auto-educação coletiva. A principal característica do radicalismo artesanal do início do século XIX consistia no apelo para o conjunto da classe através de um ideal de comunidade. E, por fim, os políticos da classe operária que trabalhavam cotidianamente na agitação cartista correspondiam ao conceito de intelectual orgânico de Gramsci. Assim, o cartismo foi um movimento político nacional e o primeiro do tipo na história britânica.

A contenção desse desafio radical exigiu mais que repressão. Foi necessário um esforço construtivo para neutralizar os antagonismos populares, transformando-os em objetos de compromisso. Um dos sinais da hegemonia das classes dominantes foi a capacidade de articular estas diferentes visões de mundo, tornando possível neutralizar os antagonismos potenciais, sob uma "concepção semelhante de mundo".

Finalizando, gostaria de salientar a necessidade de abordar a penetração thompsoniana na historiografia brasileira, o que ainda está por se fazer.

Em tempo, lembro que no início de setembro de 1993, alguns dias após a conclusão da primeira versão deste trabalho, fiquei sabendo da morte de Thompson, ocorrida a 28 de agosto de 1993. A notícia não obteve qualquer destaque na grande imprensa brasileira. Mesmo entre os profissionais de história, o fato pouco circulou e, apenas vagarosamente a notícia foi transmitida de boca a boca. Sem comentários.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Perry. *Origins of the present crises*. New Left Review. London, n.23, Jan./Feb. 1964.

\_\_\_\_\_. Teoria, Política e História: um debate com E.P. Thompson. Madri: Siglo XXI, 1985.

ARACIL, R. ; BONAFÉ, M G. Hacia una Historia Socialista. Barcelona: Serbal, 1983.

BOHSTEDT, John. Riots and community politics in England and Wales 1790-1810. Cambridge (Mass): Harvard University Press, 1983.

- DESAN, S. *Massas, comunidade e ritual na obra de E.P. Thompson e Natalie Davis*. In: HUNT, L. (Org) A Nova história cultural. São Paulo, Martins Fontes, 1992. p. 63-96.
- DOESWIJK, Andreas. *Edward P. Thompson: o ofício de historiador*. Cadernos de Metodologia e Técnica de Pesquisa, Maringá. n.2, p. 5-36, jan./jul. 1990.
- ELEY, Geoff. *Edward Thompson, social history and political culture: the making of a working-class public, 1780-1850*. In: KAYE, H. ; McCLELLAND, E. P. Thompson: critical perspectives. Cambridge : Polity Press, 1990. p. 12- 49.
- EPSTEIN, J. ; THOMPSON, D. (Eds). The Chartist experience: studies in working-class radicalism and culture, 1830-1860, London: Macmillan, 1982.
- GROH, D. *Base-Processes and the Problem of Organization: Outline of a Social History Research Project*. Social History, v. 4, n. 2, p. 265-283, May 1979.
- HALL, Catherine. *The Tale of Samuel and Jemima: gender and working class culture in nineteenth-century England*. In: KAYE, H.J. ; McCLELLAND, K. (org). E. P. Thompson: critical perspectives. Cambridge : Polity Press, 1990. p.78-102.
- HAY, D. ; LINEBAUGH, P. (Eds). Albion's fatal tree: crime and society in eighteenth century England. London : Penguin Books, 1975.
- HOBSBAWM, E.J. Os Trabalhadores. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.
- \_\_\_\_\_. Primitive rebels. Manchester: Manchester University Press, 1971.
- HOLTON, R. *The Crowd in History: some problems of theory and method*. Social History, v. 3, n. 2, p. 219-233, 1978.
- JONES, G. Stedman. Languages of class: studies in English working-class History 1832-1892, Cambridge: Cambridge University Press, 1983.
- KAYE, H. The British Marxists historians: an introductory analysis, Cambridge: Polity Press, 1984.
- KIRK, Neville *In defense of class: a critique of recent revisionist writing upon the nineteenth-century English working-class*. International Review of Social History, Amsterdam, v.32, p.2-47, 1987.
- MUNHOZ, , Sidnei. A Ordem do caos versus o ocaso da ordem: saques e quebra-quebras em São Paulo - 1983. Campinas, 1990. Dissertação (Mestrado em História Social do Trabalho) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP.
- NAIRN, Tom. *The English workin-class*. New Left Review, London, v.24, 43-57, Mar./Apr. 1964.
- NIELD, Keith. *A Synptomatic dispute? Notes on the relation between Marxian theory and historical practice in Britain*. Social Research. v. 47, n. 3, p. 478-506, Autumn 1980.

- PALMER, Bryan. E.P. Thompson: Objections and Oppositions. London: Verso, 1994.
- \_\_\_\_\_. The Making of E. P. Thompson: Marxism, Humanism and history. Toronto: New Houghtown Press, 1981.
- RANDALL, Adrian. Before the Luddites: custom, community and machinery in the English woollen industry. 1776-1809. Cambridge: Cambridge University Press, 1991.
- SCHWARZ, Bill. The People in History: *The Communist Party Historians* In: JOHNSON, R. (Ed). Making Histories: studies in History writing and politics. London: Hutchinson, 1982, p.44-95.
- SEWELL Jr , William. *How classes are made: critical reflexions on E. P. Thompson theory of working-class formation*. In: KAYE, H. ; McCLELLAND , K. (Ed) E. P. Thompson. Critical Perspectives. Cambridge: Polite Press, 1990, p. 50 -77.
- TAYLOR, Barbara. Eve and the new Jerusalem: Socialism and Feminism in the nineteenth century. London: Virago, 1983.
- THOMPSON, E. P. A Formação da classe operária inglesa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- \_\_\_\_\_. *The Business university*. New Society, 19, February, 1970.
- \_\_\_\_\_. Customs in common. New York: New Press, 1991.
- \_\_\_\_\_. Exterminism and Cold War. London: New Left Books, 1982.
- \_\_\_\_\_. *Eighteenth century English society: class struggle without class*. Social History. v.3, n.2, p.133-166, May, 1978.
- \_\_\_\_\_. *The long revolution I*. New Left Review, London. n. 9, p. 24-33, May/Jun. 1961.
- \_\_\_\_\_. *The long revolution II*. New Left Review, London. n. 10, p. 34-39, July/August 1961.
- \_\_\_\_\_. *The Moral economy of the English crowd in the eighteenth century*. Past & Present, 50, p. 76-131, February, 1971.
- \_\_\_\_\_. *Patrician society, plebeian culture*. Journal of Social History, vol 7, n. 4, p. 382-405, 1974.
- \_\_\_\_\_. *The Peculiarities of the English*. Socialist Register, n.2, 1965.
- \_\_\_\_\_. As Peculiaridades dos Ingleses. Campinas: Unicamp, 1993, Coleção Textos didáticos, n. 10, trad. Alexandre Fortes e Antonio Luigi Negro.
- \_\_\_\_\_. The Poverty of Theory and Others Essays. London: Merlin Press, 1978.
- \_\_\_\_\_. *Revolution again! or shut your ears and run*. New Left Review, n.6, Nov./Dec. 1960.



- \_\_\_\_\_. Senhores e Caçadores, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- \_\_\_\_\_. *Socialist Humanism*. The New Reasoner, London, n.1 , p. 105-143, Summer, 1957.
- \_\_\_\_\_. *Through the smoke of Budapest*. The Reasoner, n.3, p. 1-7, Nov., 1956.
- \_\_\_\_\_. *Time, work-discipline, and industrial capitalism*. Past & Present, n.38, p. 59-97, Feb. 1967.
- \_\_\_\_\_. Warwick University Ltd.: industry management and universities. Harmondsworth: 1970
- \_\_\_\_\_. Witness Against the Beast: William Blake and the Moral Law. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- \_\_\_\_\_; GOODY, J ; THIRSK, J. Family and Inheritance. Cambridge: Cambridge Univ. Press, 1976.
- WILLIAMS, D. *Were 'Hunger' Rioters Really Hungry?*. Past & Present, n. 71, May, 1976.
- WILLIAMS, Raymond (Ed). May Day Manifesto 1968. Harmondsworth: Penguin Books, 1968.
- WOOD, Elen M. *Custom against capitalism*. New Left Review. London: n.195, Sep./Oct. 1992.
- WOODS Jr., *Individuals in the rioting crowd: a new approach*. The Journal of Interdisciplinary History. Massachusetts, v.14, n.1, p.1-24, Summer, 1983.